

O lugar analítico do conceito de América Latina

MARCELO NEDER CERQUEIRA[□]

Sérgio Miceli relata em recente livro – *Vanguardas em retrocesso* (MICELI, 2012) – uma forma curiosa e bastante conhecida de “dependência cultural” que enreda muitos intelectuais latino-americanos. A anedota trata da contradição do pesquisador brasileiro que encontra a si mesmo, sua própria identidade, na biblioteca norte-americana.

Percebi de imediato que havia me enredado em um padrão esquisito de dependência cultural. (...) A febre nacional mediada por coleções estrangeiras. O “nacional estrangeiro” condizente com o estado atual das relações de força e de sentido envolvendo intelectuais latino-americanos e fontes disponíveis no espaço acadêmico hegemônico. A intelectualidade nativa se apossando da América Latina do sortido acervo amealhado no estrangeiro, em compasso similar ao da geração vanguardista instada a ajustar linguagens apreendidas na Europa aos materiais pulsantes no país de origem. É quase proverbial o fascínio dos pesquisadores latino-americanos perante as bibliotecas norte-americanas de excelência (MICELI, 2012: 9-10).

Como paradigma clássico para a formação de um “pensamento nativo” na passagem à modernidade, esta contradição desponta, para Miceli, no reconhecimento quase irônico de sua própria dependência cultural, vivenciada então como pesquisador convidado nos EUA. Como relata o autor: “Logo que cheguei a Palo Alto, em 2001, como pesquisador convidado do Center for Advanced Study in the Behavioral Sciences (Universidade de Stanford), as estantes da coleção latino-americana abriram o apetite” (MICELI, 2012: 9). O autor não esconde em sua observação certa desvalorização do aspecto contraditório e fantasioso do caráter nacional instado no estrangeiro; talvez por força da própria dependência cultural, refletida no “espelho de próspero”¹. Assim, apesar do discurso crítico aos processos de mitificação (como falseamento) de uma unidade nacional “nativa” a partir de uma origem inventada com ferramentas

[□] Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF). Orientado pela Professora Doutora Samantha Viz Quadrat. Bolsista pela CAPS/REUNI.

¹ MORSE, Richard. *Espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

alienígenas, o autor mira-se no espelho, fascinado pelo “acervo estrangeiro”, faminto pelo espaço acadêmico hegemônico, e vê ele mesmo enredado na busca por reconhecimento que caracteriza os aspectos contraditórios das abordagens vanguardistas latino-americanas.

Tal é o nosso desafio: superar o enigma ou labirinto, referido ao constante ajustamento do lugar periférico e dependente, que mantém o pensamento crítico latino-americano, em diferentes viradas históricas, numa espécie de atoleiro sem fim. Isso implica certo enfrentamento com algumas questões de dependência cultural, referidas ao debate sobre “propriedade” ou “impropriedade” das ideias liberais no Brasil e na América Latina. Uma parte considerável de pensadores sociais e historiadores brasileiros insistem no caráter alienígena das ideias liberais: estas nunca se “adequariam” ao Brasil, aprisionado aos laços familiares, às relações de favor e dependência, ao passado escravocrata, ao paternalismo, ao catolicismo e ao autoritarismo; acabam por fazer uma curiosa e resignada apologia da tradição colonial. Como outro lado da mesma moeda, somam-se os estudos conduzidos pelo sentimento (ideológico) de “atraso”, inscrito na (auto)desvalorização do passado ibérico, curiosamente projetada no endeusamento do outro invejado: o liberalismo anglo-saxão ou da Europa nórdica, mormente os EUA, como uma promessa de progresso civilizacional, de uma modernidade não menos idealizada. Atravessando a penumbra produzida no clarão do iluminismo, os debates sobre a “adequação” (seja a favor ou contra) das ideias liberais no Brasil e na América Latina são marcadamente influenciados pela diferenciação dos processos históricos com ênfase nos aspectos culturais religiosos que dividem a cristandade ocidental (catolicismo e protestantismo) recorrentes nos estudos comparativos entre os países americanos emergidos da colonização europeia, como veremos posteriormente. Importante ressaltar neste primeiro momento: este esquema de pensamento, bastante pessimista quanto à construção de uma sociedade mais justa, libertária, igualitária e democrática, não dá vez, legitimidade, nem autonomia política, para a América Latina.

Hoje em dia, vivenciamos a saturação desta forma de pensar. A resposta, ainda em formação (e muito se tem para caminhar), passa pelo avanço da integração regional

latino-americana, mormente por uma integração regional flexível, aventando-se a possibilidade de desenvolvimento de algumas opções de *multilateralismo* entre os países latino-americanos; uma integração que se efetive para muito além das transações comerciais, levando em conta a pluralidade cultural e social da América Latina. O estudo do campo literário e ensaístico latino-americano em diferentes conjunturas de passagem à modernidade desde a virada para o século XX, identificado nas propostas vanguardistas de autores como Jorge Luis Borges, Alejo Carpentier, Sérgio Buarque de Holanda, Gabriel Garcia-Márquez, Otávio Paz, Néstor Taboada Téran, dentre outros, vem se revelando bastante produtivo na identificação de experiências e sensibilidades partilhadas que dão vida a propostas flexíveis de integração regional na América Latina. Todos estes autores aventuram-se na elaboração de um “pensamento nativo” – para usar ainda a sintomática expressão de Miceli, inscrita em uma latente dubiedade, dado o referencial eurocêntrico que ressoa tanto na escolha da palavra “nativo”, quanto, de um modo geral, no referencial hegemônico de modernidade liberal que, a todos os efeitos, avalia o suposto “retrocesso” das vanguardas latino-americanas ².

Nessa aventura, os referidos autores travaram um caminho em comum: discutiram as vantagens relativas do legado ibérico face o avanço das transformações burguesas; testemunharam um conjunto de transformações radicais em suas cidades; produziram uma reflexão sobre a miscigenação e a *cultura de mezcla* acolhendo os novos paradigmas epistemológicos e filosóficos encetados por diferentes movimentos modernos; enfrentaram assim os graves dilemas postos pelo ideal de pureza (de “raça”, de fé, de classe, de cultura, de nacionalidade, de ideologia, de gênero, de civilização): ofereceram, assim, um retrato de um tempo em profunda transformação. A instrumentalização modernista permitiu uma valorização das particularidades culturais (os “materiais pulsantes”) da América Latina identificadas em diferentes expressões do

² Em que pese a interessante expressão utilizada por Miceli – “vanguardas em retrocesso” – deveríamos primeiro nos perguntar: retrocesso em relação à que? Parece claro que o ponto referencial de Miceli é o liberalismo e o padrão de modernidade iluminista, inscrito na cultura política burguesa dos centros hegemônicos de poder no mundo Ocidental. Neste caso, a palavra “retrocesso” está sendo empregada numa concepção histórica evolutiva, inscrita na lógica hegeliana. Todavia ela pode ser relativamente esvaziada do seu conteúdo pejorativo. Para Richard Morse, a modernidade “outra” da América Latina, “mais profundamente moderna”, deve ser compreendida no seu elemento pré-iluminista e pós-moderno (MORSE, 1988).

criollismo e de uma cultura barroca americana, de forma ampla – expressões que não tinham voz na hegemonia positivista e racionalista vigente entre a hegemonia e o classicismo das ideias liberais.

Em que pese o contexto histórico de reação nostálgica conservadora, que imprimiu sua tonalidade na política em todo o mundo no começo do século XX, ou mesmo a motivação da Igreja Católica, bastante comprometida com os efeitos políticos promovidos pelo iberismo, estamos interessados em perceber como diversos intelectuais e ensaístas latino-americanos se apropriaram do legado cultural ibérico nas Américas como forma de resistência cultural e política. O ibero-americanismo referido a este campo político atua não só como resposta à dominação imperialista do “vizinho” norte-americano e às frustrações políticas do paradigma da racionalidade iluminista burguesa, naquela conjuntura em grave crise política e econômica, mas também como alternativa para lidar com os problemas da contemporaneidade. A história da afirmação política e cultural dos diversos povos da região se confunde na própria “invenção” da América Latina, de uma condição em comum a ser compartilhada a partir de uma unidade múltipla, não-essencialista, que faz-se na confluência de mitos, línguas, temporalidades, tradições: o ser latino-americano como devir constante; uma identidade fundada na crise/crítica do próprio conceito de identidade³. Para tanto, as disputas pela qualificação do legado ibérico estavam implicadas no processo de emancipação política, como disputa e negociação constante (seja com o antigo colonizador europeu, seja com os EUA) – aquilo que Irlemar Chiampi, em seu *Barroco e Modernidade*, estuda na obra de José Lezama Lima: “(...) o signo barroco americano como arte da contra-conquista” (CHIAMPI, 2010: 8).

A virada para o século XX caracteriza-se como um momento de radicalização política onde o avanço das transformações burguesas deflagra diversos conflitos políticos e sociais, conduzindo novos ajustamentos e composições entre diferentes setores da sociedade. Todavia, podemos identificar outras conjunturas de viradas históricas de passagem à modernidade que aprofundam e duplicam as experiências

³ Como sugere Silvano Santiago: antes de pensar o conceito de identidade, é preciso pensar a identidade do conceito (SANTIAGO, 2006).

vanguardistas latino-americanas ao longo do século XX até alcançar o conhecido *boom* literário dos anos 60.

Qual o lugar das ideias? ⁴ O lugar das ideias é um não-lugar que sempre se faz construtivamente através das lutas sociais, nas relações de força que conduzem as experiências dos grupamentos humanos. Toda ideia se configura através de um (des)ajuste; nunca de forma plenamente ajustada. A “propriedade” ou “adequação” das ideias está em constante circulação e transformação, sempre reconstruída na imanência das relações sociais. Em parte, expressões conceituais como “circularidade cultural” e “polifonia”, trabalhadas por M. Bakhtin, questionam o ideal de pureza que se esconde naqueles que procuram o “lugar certo”, um lugar seguro e estável para as ideias. São expressões ainda hoje inovadoras, do ponto de vista epistemológico, para os estudos de cultura, literatura e ideologia. Na cultura ocidental capitalista, as ideias são a arena onde se desenvolve (e se expressa) diferentes relações de força (e também a luta de classes), nunca estando separada destas. Devemos então observar a pluralidade e polifonia de significações e seus usos políticos interessados de acordo com cada conjuntura, em cada contexto histórico específico. Como diz Marc Bloch em sua *Apologia da História*: “Pois, para grande desespero dos historiadores, os homens não têm o hábito, a cada vez que mudam de costumes, de mudar de vocabulário” (BLOCH, 2002: 59). Pois a fricção entre linguagem e experiência, vivenciada na distância temporal, também se faz presente na distância espacial, como também na distância social e cultural. Longe de qualquer evolucionismo, e contra toda forma de achatamento e linearidade, queremos destacar o processo de transformação e apropriação constante, impetrado pelas relações de força que mediam diferentes *constelações históricas*, para usar uma expressão benjaminiana. A condição humana faz-se no uso de uma linguagem emprestada, em constante defasagem e tensão com a experiência vivida. Toda experiência “autêntica” faz-se através de um “falseamento”, assim como o eu faz-se no outro e a vida faz-se na morte. Uma experiência se manifesta através de um vocabulário datado, limitado,

⁴ O debate sobre o (des)ajuste das ideias liberais no Brasil (a partir dos estudos relacionados a história, sociologia e literatura) foi matizado pela controversa expressão “as ideias fora do lugar”, de Roberto Schwarz. Consideramos que Schwarz, ao usar a referida expressão, remete-se diretamente à contradição latente da sociedade brasileira do último quartel do século XIX: a convivência entre liberalismo e escravidão, identificada pelo autor na obra de Machado de Assis.

possível, partilhado, que necessita ser constantemente atualizado para construir um caminho de fruição. Daí a profunda dimensão didático-pedagógica que enreda meta-linguisticamente as pesquisas no campo das humanidades: o caráter mesmo circular do conhecimento humano que exige um constante reviver e reatualizar de suas questões.

O objetivo proposto neste trabalho pretende-se bastante pontual: discutir com o excesso de funcionalismo ainda presente em alguns aspectos do pensamento de Pierre Bourdieu, especialmente no âmbito de certa sociologia combativa – da qual Sérgio Miceli, por exemplo, se diz partidário. Isso ocorre quando o valor da pesquisa – a recomposição de trajetórias, relações editoriais, informações, textos, estatísticas, manifestos, documentos (fundamentais para a produção de conhecimento e para os estudos historiográficos de trajetórias intelectuais, por exemplo) – esbarra na busca da maneira certa, científica e adequada (ajustada) de se ler uma narrativa, seja texto, livro, imagem, ideia, época. O estudo proposto por Miceli em *Vanguardas em Retrocesso*, referido anteriormente, possibilita uma contundente crítica aos processos de mitificação que atuam na consagração intelectual de um autor ou obra, desvelando as relações históricas e materiais de uma trajetória em sua multiplicidade de condicionantes sociais. Todavia, parece não superar o antigo paradigma, referido ainda ao ajustamento de um “lugar certo”, de uma leitura certa, ajustada, de um sentido determinado, no sentido comum do termo. Sem superar a dicotomia entre elementos interiores e exteriores a um texto – a polarização entre “dentro” e “fora” que mobilizou e ainda mobiliza os debates intelectuais entre história e literatura – não há alternativa ao labirinto latino-americano: a condição dependente e periférica será sempre reposicionada. Todavia, em nossa perspectiva, não há exatamente “lugar fora”, e este é um dos pontos que gostaríamos de discutir. As pesquisas sobre literatura na América Latina são exemplares na construção de um pensamento dialético específico que desestabiliza a linearidade e o evolucionismo característicos do debate sobre a relação centro-periferia. Neste sentido, estamos também interessados em pensar as diferentes formas de apropriação, os diferentes usos políticos e culturais, os diferentes efeitos políticos, muitas vezes involuntária ou caoticamente produzidos na imanência das relações sociais.

O historiador tem ao menos uma vantagem em relação ao passado: a possibilidade de decifrar (interpretar) os interesses e os efeitos políticos desencadeados no curso processual da história; interesses estes muitas vezes velados aos atores sociais em suas referidas conjunturas; efeitos políticos impossíveis de prever exatamente naquela temporalidade. Isso porque o analista da história social pensa as relações sociais sempre *a posteriori* – muito embora toda forma de pensamento *a priori* se configure como grave contradição para as ciências humanas, isso parece particularmente evidente na análise histórica, que duplica a experiência antropológica constitutiva de toda pesquisa na sua relação com o outro (esse “eu mesmo” distante no tempo). Entretanto, essa “vantagem relativa” do historiador frente ao passado não o livra dos inúmeros pontos cegos (os interesses) que conduzem sua busca. Em que medida (ou até que ponto limítrofe) uma narrativa ficcional, uma obra de arte, ou qualquer discurso, texto – num sentido amplo – se submete aos interesses e intenções enunciados (ou disfarçados) por um autor? Como diz ainda Marc Bloch em outra passagem de seu já referido livro:

Em nossa inevitável subordinação em relação ao passado, ficamos [portanto] pelo menos livres no sentido de que, condenados sempre a conhecê-lo exclusivamente por meio de [seus] vestígios, conseguimos, todavia, saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer. [É, pensando bem, uma grande revanche da inteligência sobre o dado.] (BLOCH, 2002: p. 78)

A fala de Bloch enfatiza a particularidade criativa do historiador (ou do analista social) na interpretação histórica dos vestígios (indícios) do passado; particularidade esta constitutiva do *método regressivo* – ou da “bobina histórica”, na metáfora utilizada pelo *historiador do presente* – que faz da história uma ciência com “sensibilidades poéticas próprias”. Em se tratando das ciências humanas, as relações de causalidade só podem ser estabelecidas de trás para frente, isto é, a partir de seus efeitos – a partir da imanência das relações sociais.

Assim, enfrentaremos algumas inquietudes despertadas neste primeiro ano de doutoramento que dizem respeito à problemática de nossa pesquisa “*Relações de força na passagem à modernidade na América Latina: cultura, poder e subjetividade*”. O caminho escolhido foi justamente buscar o diálogo mais difícil, mas de forma franca e

direta. Pretende-se discutir a validade e os usos possíveis de conceitos como (1) América Latina; (2) campo literário-ensaístico latino-americano; (3) intelectual. Em que diapasão seria possível pensar estas ideias? De que forma elas poderiam metodologicamente ser operadas? Seria possível fazer um rastreamento do processo de semantização – uma história do conceito – da ideia de América Latina? Como conseguir conciliar, em uma mesma pegada, a forma particular como uma narrativa (ficcional, por exemplo) é ao mesmo tempo condicionada e condicionante (criadora e criatura) de um conjunto de relações complexas que atravessam temporalidades distintas, sincrônica e diacronicamente? Por outro lado, em que medida a narrativa ficcional pode se apresentar como um espaço de contra-narrativa nos processos históricos que marcam as transformações modernas e a passagem à modernidade na América Latina?

Para tanto, pretende-se realizar um breve diálogo com o pensamento de Pierre Bourdieu. Consideramos que dentre as fases que caracterizam sua trajetória e seus diferentes textos é possível se deparar com aspectos mais ou menos funcionalistas de seu pensamento. Uma *leitura fechada* e funcionalista de conceitos como *campo* e *habitus* realiza a proposta conservadora de condução naturalizante dos agentes sociais à reprodução da ordem e da doxa hegemônica. Uma *leitura aberta* e não-funcionalista destes conceitos favorece a compreensão da tensão, das disputas e das relações de força por reconhecimento e autonomia que travam os campos políticos e formam os diferentes *habitus*, em constante transformação. Um mesmo paralelo pode ser identificado na maneira como Norbert Elias opera conceitos como *estabelecidos* e *outsiders* (ELIAS, 1995). Propor uma *leitura aberta e não-funcionalista* destes conceitos, favorecendo uma compreensão dialética, plural e, muitas vezes ambivalente, das diferentes formas de luta política que atravessam o “jogo de espelhos” nas Américas, foi o caminho escolhido por muitos escritores e ensaístas latino-americanos, comprometidos em romper com o constante ajustamento do lugar periférico. Não por acaso, estes autores identificaram suas propostas vanguardistas na justaposição da “cultura erudita” com a “cultura popular”, se assim podemos dizer, como uma via de mão dupla. Neste sentido,

a fórmula simples, em parte verdadeira – “autores cultos mimetizando regionalismos”⁵ – sem deixar de expressar saudosismo e nostalgia típicos de uma intelectualidade aristocratizada e decadente, embebida de romantismo tardio, que sai em busca do tempo perdido solapado pelas transformações burguesas, deve ser relativizada quando observamos a formação de uma via de reconhecimento e transação da pluralidade de práticas culturais (os materiais pulsantes) que vem sendo sistematicamente apropriados num longo processo de empoderamento de movimentos político-sociais oriundos das classes trabalhadoras, de movimentos indígenas, afrodescendentes, feministas, etc. Não por acaso também, estes autores aprofundaram estudos sobre os usos populares da cultura barroca americana; focaram suas análises nos arrabaldes das cidades em expansão; na entrada dos fundos da casa, pela cozinha; no linguajar falado nas ruas, nas feiras populares; na oralidade e a musicalidade das palavras e dos usos coloquiais – a “água da palavra” que faz a narrativa de um João Guimarães Rosa; na composição de personagens metamórficos que exprimem a formação do *corpo grotesco* (aberto, plural, metamórfico, feminino), contra a ortodoxia do *corpo clássico* (perfeito, ortopédico, masculino) – para usar as terminologias propostas por Bakhtin sem sua pesquisa sobre cultura popular no renascimento (BAKHTIN, 1987) e apropriadas vastamente na *arte de contra-conquista* de diferentes escritores latino-americanos; no tempo do mate na cuia que vence o tempo do relógio; numa narrativa especialmente sensível para as questões subjetivas que implicam o narrador, problematizando a relação entre memória e história, como podemos observar em Garcia-Marquez ou em Machado de Assis; nos personagens metáforas dos arrabaldes das cidades, o *compadrito*, de Borges, o *pachuco*, de Octávio Paz, o *homem cordial* de Sérgio Buarque; nos vocábulos geográficos que falam da imensidão da condição humana ao mesmo tempo subjetiva, particular e universal: o pampa, o deserto, o sertão, as alturas, o mar..., “que é dentro das gentes”.

Que particularidades ou características poderiam ser identificadas em autores tão diferentes como Sérgio Buarque de Holanda, Gabriel Garcia-Márquez, Jorge Luis Borges ou Alejo Carpentier, por exemplo, que supostamente (pois se trata de uma

⁵ Ou como formula Sérgio Miceli escrevendo sobre o nacionalismo do jovem Borges: “autores cultos mimetizando a linguagem dos gaúchos” (MICELI, 2012, 98).

construção sociológica a ser verificada) configurariam um possível campo intelectual latino-americano? Para tentar responder esta pergunta, é preciso fazer um breve rastreamento do debate que vem mobilizando as pesquisas comparativas nas Américas (pois a expressão América Latina supõe, evidentemente, uma “América que não seja latina”). Segundo Gizlene Neder e Gisálio Cerqueira Filho, a diferenciação foi, em um primeiro momento, compreendida a partir de aspectos culturais e religiosos.

Colocamos em tela a discussão de uma problemática que há mais de um século vem povoando o campo intelectual nas Américas (do Sul, do Norte e Central). As análises comparativas entre os processos históricos dos países emergidos da colonização europeia na modernidade têm sido encaminhadas levando-se em conta aspectos culturais e religiosos (catolicismo e protestantismo), e suas implicações nas opções sociais, políticas e ideológicas. Aqui, o jogo de espelhos. (NEDER e FILHO, 2010: 104)

Os autores propõem um rastreamento histórico dos principais pensadores sociais que no Brasil formaram esta linha interpretativa. Desde Tavares Bastos, destacando seu conhecido posicionamento sobre política imigrantista que defendia a contratação de imigrantes da Europa nórdica, protestante, por serem supostamente mais operosos e disciplinados ao trabalho; passando por Joaquim Nabuco, que na mesma rede de sociabilidades de seu pai, o senador Nabuco de Araújo (que foi amigo de Tavares Bastos), deu sequência a estas preferências com certa anglofilia; sem deixar de destacar Gilberto Freyre que, educado na escola metodista de Recife, completou sua formação nos EUA numa rede intelectual protestante, para, enfim, se “reconverter” ao catolicismo na “Oxford de Walter Pater”⁶ – aliás, movimento de “reconversão” este que parece bastante sintomático entre vários intelectuais brasileiros, como ocorreu também com o próprio Joaquim Nabuco. Numa variante desta tradição de pensamento, destacam-se os estudos comparativos de Sérgio Buarque de Holanda entre iberismo e bacharelismo, assim como as diferenciações e contrastes propostos entre individualismo (inscrito na

⁶ Pallares-Burke discute a influência vitoriana do romantismo conservador de Walter Parter na obra de Gilberto Freyre. A autora destaca especialmente a ideia de “casa”, a partir de um olhar de dentro da casa. Como é sabido, Freyre estudou na Inglaterra, como ele mesmo referia: na “Oxford de Walter Pater”. Ver: PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

cultura religiosa protestante) e o catolicismo. Importante lembrar que Sérgio Buarque de Holanda escreveu seu livro mais conhecido, *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1976), logo após sua estadia em Berlim (1929-1930), quando vivenciou uma Alemanha de forte crise econômica e política que assistia a ascensão do nazi-fascismo.

Os autores destacam ainda influência dos interesses ingleses que ao longo do século XIX direcionam hegemonicamente os processos de independência de diferentes países na América Latina, assim como, a importância política da maçonaria da Filadélfia nas disputas pelos mercados mundiais em expansão, em substituição ao controle político dos impérios ibéricos.

A política externa e o campo da diplomacia nos países da Íbero-América passaram, portanto, pelo crivo político e ideológico londrino; com uma grande articulação da maçonaria da Filadélfia. Foi a partir da Filadélfia que se construiu historicamente o conceito de América Latina. Na sua formação original, à latinidade, encontramos a associação com o 'atraso' e o conservadorismo clerical do catolicismo romano (NEDER e FILHO, 2010: 108).

Contudo, o que parece especialmente interessante na referida análise, é o *deslizamento semântico* (KOSELLECK, 2006) que o conceito (ou a ideia que se tem) de América Latina vem sofrendo ao longo do século XX; deslizamento este que pode ser especialmente observado no campo da literatura latino-americana. Ainda segundo os autores:

Se, nas apropriações da interpretação comparativa no pensamento social e político no Brasil (com Tavares Bastos e outros) a ideia de América Latina estava referida à catolicidade da latinidade dos americanos (do sul e central); e se, nos processos sucessivos de apropriação cultural e atualização histórica, a latinidade, nas primeiras décadas do século XX, foi interpretada pela falta (aquele menos de progresso e modernidade), ela sofreu um deslizamento semântico, desde o segundo pós-guerra (século XX). Este deslizamento semântico deve ser atribuído à militância política de esquerda, especialmente aquela empreendida pelo campo literário latino-americano, que romantizou e re-significou a ideia de América Latina (NEDER e FILHO, 2010: 109).

O processo de independência de diferentes países americanos de seus colonizadores ibéricos, hegemônico pela Inglaterra e, posteriormente, pelos EUA, conduziu os processos históricos por uma via de marcada dependência política à condição periférica. Contudo, outras possibilidades de futuro, outras possibilidades de independência e modernidade – outros *futuros passados*, para usar a expressão de Koselleck – empreendidos por diversas lutas libertárias na América Latina, mais ou menos, derrotadas, foram sistematicamente reanimados a partir da literatura latino-americana. Em que medida as formulações de Alejo Carpentier sobre o “real maravilhoso”, as formulações sobre o “mundo ao revés”, de Eduardo Galeano, as digressões de Octávio Paz sobre o *pachuco* – este mexicano desterrado que habita profundamente o interior dos EUA, dentre outras expressões literárias tematizadas por estes escritores e ensaístas, podem ser tomadas como *contra-narrativas* aos processos hegemônicos que conduziram a passagem à modernidade na América Latina?

As propostas vanguardistas latino-americanas encontraram nas inovações epistemológicas que promoviam rupturas com a própria “univocidade do eu” uma imagem familiar e semelhante. Identificaram, assim, a “auto-antropofagia” de diferentes movimentos modernos europeus na virada para o século XX como uma poética de negação da negação, decididamente inscrita na relativização do padrão civilizatório burguês, percebido em meio a sua própria barbárie. O campo modernista da América Latina, identificado no realismo fantástico, armou-se das ferramentas estéticas e formais características do romantismo tardio, produzindo uma forma particular de valorização de suas sociabilidades, de ressignificação de suas potencialidades, como resistência social e política: as diversas manifestações estéticas mediadas pelas imagens do realismo grotesco e pelo barroco americano se apresentam como fontes vivas do humanismo libertário na América Latina, atualizando formas alternativas para a práxis política na contemporaneidade.

Neste sentido, podemos ainda fazer algumas reflexões sobre algumas particularidades referidas ao campo literário e ensaístico latino-americano, se assim podemos dizer – como falamos, trata-se de uma construção sociológica a ser melhor desenvolvida, mas que deve se configurar de forma aberta e *sempre inacabada*. (1) O

conceito de América Latina inscrito neste campo social e político heterogêneo se constitui voluntariamente na dialética de uma *arte de contra-conquista*; (2) a apropriação dos novos paradigmas epistemológicos identificados em diferentes movimentos vanguardistas do mundo todo não é exatamente propriedade ou fruto do “avanço” de nenhum lugar especificamente, mas resultado de uma conjuntura de grave crise política e social, intimamente relacionada ao avanço das transformações modernas e intensas trocas culturais em todo mundo, encontrando expressão em diferentes lugares, sincrônica e diacronicamente; (3) as regiões e cidades inscritas numa condição periférica em relação aos centros hegemônicos de poder, desde o último quartel do século XIX, implicam suas propostas vanguardistas com forte acento crítico ao iluminismo e ao processo civilizatório ocidental, estando mais sensíveis às suas idiossincrasias, especialmente aquelas referidas à cegueira produzida por dicotomias-estranques de tipo: atraso / progresso, falso / verdadeiro, tradicional / moderno, selvagem / civilizado, cegueira / visão, outro / eu, objeto / sujeito, campo / cidade, emoção / razão, particular / universal, periferia / centro, e assim por diante.

Que conceito de intelectual poderia ser identificado na literatura deste suposto campo literário latino-americano? A resposta a esta pergunta, longe de ser esgotada, passa necessariamente pela relação *cultura escrita* e *cultura oral*. Para se pensar um conceito de intelectual – assim como o conceito de cultura – que seja capaz de dar conta das propostas vanguardistas destes autores é preciso ir além das formas tradicionais de compreensão do intelectual como “homem elevado”, escolhido ou divinizado. É preciso ir além também da ideia do intelectual como detentor do monopólio da “palavra verdadeira”, que subordina os corações e mentes à sua violência simbólica. Destaca-se desde essa relação entre som e palavra, a tematização do amadorismo e do autodidatismo, do gosto pela inventividade e pela criação como certa “militância pelo humano”, certa militância pela morte (no sentido matéria pulsional da condição humana). A experiência intelectual não deve ser dissociada da experiência material, dos corpos, dos cheiros, dos sentidos – daí deriva também os recorrentes usos da sinestesia em narrativas não só ficcionais, mas também na tradição ensaística. Para Octávio Paz, o ouvido é o fiel escudeiro do poeta e do ensaísta latino-americano. A relação som e

palavra aprofunda a condição intelectual na relação dialética entre corpo e mente, rompendo com as usuais dicotomias que hegemonizam o debate sobre o intelectual, ainda dadas da oposição entre corpo e espírito, referida à cristandade ocidental – ou, numa apropriação iluminista, secularizada, mas não menos tributária de uma teologia-política, como oposição entre corpo e razão. Neste sentido, destacam-se sintomaticamente as colocações de Gramsci sobre a necessária confluência do *homem faber* e o *homem sapiens* (GRAMSCI, 1972) para a prática de uma pedagogia libertária.

Consideramos que o conceito de intelectual orgânico, desenvolvido por Gramsci, não deve resumir seu entendimento ao simples reproduzidor da ordem dominante de seu meio, como simples reproduzidor ou reflexo de sua “organicidade”, sua classe social – repetindo os mesmos vícios funcionalistas e estruturalistas tão bem problematizados por Raymond Williams em suas análises da teoria marxista em *Marxismo e Literatura* (WILLIAMS, 1979). Ao contrário, o conceito de intelectual, para Gramsci, especialmente em suas formulações sobre o “novo intelectual” e seu papel político, enfatiza os aspectos críticos, transformadores e não dogmáticos, que produzem estranhamento e desconforto não só no outro, no diferente, mas também no âmbito de sua própria “organicidade”. Neste sentido, afinal que Edward Said, em suas *Representações do Intelectual* (SAID, 2005), se coloca a pergunta: “*existe um intelectual independente?*” Em que medida o intelectual pode ir além de sua classe, nacionalidade, tradição, religião, família, língua, grupos de poder, interesses de cargos públicos, etc. Em sua conversação com Gramsci, Said amplia o espectro de entendimento dos diferentes condicionantes sociais que fazem a “organicidade” de um “discurso”, de um “texto”, de uma “trajetória”, de uma “obra”, de um “intelectual”, para refletir sobre os artifícios impetrados pelos intelectuais pela liberação do pensamento crítico frente a todos estes condicionantes. Assim, problematiza o que lhe parece mais temerário ao intelectual: criticar os vícios e erros do outro e ser conivente com os próprios. Estamos atentos, assim, para o ponto em comum da condição intelectual interpretada no seu devir permanente e inacabado. O conhecimento ganha uma dimensão não acumulativa, e olha para si mesmo, para os seres humanos, a se perguntar sobre sua própria condição, em constante transformação.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Editora Hucitec – Ed. Universidade de Brasília, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BOURDIEU, P. *Homo academicus*. Florianópolis: UFSC, 2011.

_____. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, pp. 183 – 191.

CHARTIER, R. “Por uma sociologia histórica das práticas culturais”. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988, pp. 13-28.

_____. “História intelectual e história das mentalidades”. In: *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, pp. 23-60.

_____. e BOURDIEU, P. “Habitus e Campo”. In: *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, pp. 54-68.

CHIAMPI, Irlemar. *Barroco e modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ELIAS, Norbert. *Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Editora Passagens, 1992.

GRAMSCI, Antônio. *A formação dos Intelectuais*. Coleção 70 – Venda Nova: M. Rodrigues Xavier, 1972.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1976.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: compreensão semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

MICELI, Sérgio. *Vanguardas em Retrocesso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MORSE, Richard. *Espelho do Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

NEDER, Gizlene e CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Jogos de espelhos e gramática de sentimentos: teoria crítica na América Latina*. Revista Comunicação e Política, volume 28, número 1, janeiro-abril de 2010, pp. 103-114.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

SAID, Edward. *As Representações dos Intelectuais: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SCHARWZ, Roberto. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.